

Ⓞ Dilema de Sir Bradofort, 1ª Parte

Na fronteira oriental de certo reino, existia um pacífico povoado, onde as pessoas trabalhavam e viviam guardadas por um forte castelo. Sir Bradofort era o cavaleiro encarregado do castelo. Ele era uma pessoa sábia e tranquila, que gostava de tomar tempo para escutar, observar e saber o que fazer antes de agir ou falar. O rei desse reino havia notado essas qualidades em Sir Bradofort antes de escolhê-lo para cuidar dessa parte remota de seu reino.

Havia sido confiada a ele uma grande responsabilidade: a de manter a paz nesta parte do reino. Sir Bradofort sabia muito bem que a paz e a segurança que os habitantes da terra desfrutavam se devia a muito mais do que apenas o castelo e seus soldados armados. O que tornava a vida das pessoas mais segura era a garantia de apoio e proteção que o rei lhes dava, apesar de viver bem distante, na agitada capital da cidade.

Certo dia, apareceu no castelo uma mulher com notícias urgentes para Sir Bradofort e seus conselheiros, que colocaram à prova a confiança que ele e o seu povo tinham no rei.

Seu nome era Mabel. Há muitos anos ela morava sozinha no caminho cercado de árvores que cortava as montanhas na fronteira do reino, não distante do povoado. Os habitantes do povoado a chamavam de "a sábia da floresta".



– Tenho visto homens armados ocultando-se na floresta, indo na direção da minha casa – contou para Sir Bradofort. – A princípio, achei que fossem apenas alguns bandidos, e saí para os surpreender. Mas depois vi muitos outros mais em baixo, caminhando ao longo do riacho. Eles estavam usando armadura e carregando estandartes, e percebi então que os primeiros homens que vi eram sentinelas que iam à frente de um exército muito maior que avançava pelo caminho!

Sir Bradofort refletiu sobre o que havia ouvido, e depois fez várias perguntas à mulher assustada, tentando saber mais detalhes que pudessem ajudá-lo a decidir o que fazer em seguida.

– Foi tudo que vi, senhor – respondeu Mabel. – Assim que vi o exército, vim imediatamente para cá. Os sentinelas inimigos quase me pararam, mas consegui driblá-los e chegar até aqui.

– Obrigado, minha senhora – disse Sir Bradofort – você prestou um grande serviço a todos nós.



Então, Sir Bradofort virou-se para o sargento do castelo, que era o soldado mais antigo, e disse:

– Milford faça soar o alarme de convocação e mantenha-o soando. Quero que envie seus homens para se certificarem que todas as pessoas que estejam no povoado, nos campos, na floresta ou em qualquer outra parte venham ao castelo até no máximo uma hora.

No topo da torre mais alta do castelo, Milford soprou a trombeta de corno usada apenas para emergências como esta e a fez soar bem alto. Depois de cada som da trombeta, ele tocava um ritmo contínuo em um tambor que fazia ecoar notas agudas pelos campos.

– Tem um inimigo se aproximando. Tragam apenas o que conseguirem carregar e venham para o castelo!

– gritavam os soldados ao passarem pelo povoado e campos vizinhos.

Minutos depois, via-se homens, mulheres e crianças vindo da aldeia e dos campos para o castelo de Sir Bradofort, carregando trouxas de roupas e comida.



Enquanto a evacuação estava em andamento, Sir Bradofort mandou um mensageiro a cavalo para entregar uma carta ao rei.

Querido Rei,

Fomos surpreendidos por uma invasão de forças inimigas, que se aproximam pelas montanhas. Todas as pessoas estão se refugiando no castelo, mas tememos vir a sermos cercados. Imploramos que envie ajuda imediata para nos livrar deste perigo.

*Com toda a lealdade,
Sir Bradofort, pelos seus fieis súditos.*

Assim o mensageiro saiu cavalgando portão a fora, o povo aplaudiu gritando: Viva! Viva o rei!

Quando o último habitante do povoado atravessou a ponte levadiça que ficava sobre o fosso, já dava para ver os soldados inimigos.

– Agora fechem a porta corrediça e levantem a ponte levadiça! – ordenou Sir Bradofort, quando uma coluna avançada dos inimigos veio correndo pelo caminho.

Um homem furioso chegou esbaforido na margem do fosso cheio de água, e logo começou a gritar o nome de Sir Bradofort.

Sir Bradofort apareceu no topo da fortaleza do castelo e prontamente reconheceu um homem que não via há mais de vinte anos. Era Malvim, conhecido em todo o reino como o "príncipe malvado". Anos atrás, ele havia partido do reino, irado por o rei não tê-lo promovido para governar uma parte das suas terras. Ao partir jurou que um dia voltaria para se vingar.

– Malvim, há anos não o vejo! – gritou Sir Bradofort para o homem lá em baixo – O que você está fazendo aqui?

– Vim reivindicar o que é meu de direito – respondeu impaciente o príncipe malvado. – Baixe suas armas! Seu povo estará muito melhor se entregarem rapidamente suas terras a mim sem protestarem!

– Não temos motivo para ter medo de você – respondeu Sir Bradofort. – Já mandamos uma mensagem para o rei pedindo ajuda. Tenho certeza que ele não vai demorar a chegar com seu poderoso exército, por isso sugiro que leve seu homem e volte pelo mesmo caminho.

O príncipe malvado não ficou abalado e respondeu encolerizado:

–Se não se renderem, eu destruirei a sua aldeia, destruirei suas terras e farei você e o seu povo meus escravos!



Dentro do castelo, Sir Bradofort explicou a situação para o povo.

—O príncipe malvado é uma pessoa muito perigosa e receio que vai querer fazer o máximo de estrago que puder no reino, em vingança por não ter obtido o que ele queria muitos anos atrás. Render não é uma opção. Devemos confiar que o nosso rei virá com um exército para nos salvar.

— Tenho certeza que você tem razão - disse um dos principais do povoado - mas se o rei não se apressar, os invasores vão destruir nossas terras e nossas casas! Vão cortar nossas árvores e matar nossos animais. É imprevisível o estrago que vão fazer enquanto estiverem por aqui.

Mabel, a sábia da floresta, que os tinha advertido da presença do exército inimigo falou:

— Não podemos nos deixar assustar com tanta facilidade. Ponderemos por um momento por que confiamos no rei. Fizemos isso por uma boa razão, certo? Então, vamos lhe dar um tempo para fazer o que ele tem que fazer, e não nos precipitemos em permitir que nossa confiança seja vencida pelo medo.



O castelo estava agora cercado pelo exército do príncipe malvado, tornando impossível que outro mensageiro fosse enviado, ou pelo menos um mensageiro humano. Sendo assim, a mensagem seguinte de Sir Bradofort saiu do palácio amarrada na pata de um pombo.

Querido rei,

O inimigo cercou o castelo, mas graças a Deus todo o nosso povo está seguro abrigado nele.

O exército invasor é liderado por Malvim, o príncipe malvado. Ele diz que veio conquistar esta parte do seu reino e exigiu que nos rendêssemos.

Até agora estamos seguros dentro das fortes muralhas do nosso castelo, e temos arqueiros e sentinelas a postos em pontos estratégicos. Apesar de no momento estarmos em segurança, tememos o que o inimigo pode fazer com as nossas terras e não sabemos quanto tempo conseguiremos aguentar.

O rei leu atentamente a carta. Seus súditos lhe contaram os detalhes do problema que estavam enfrentando e seus temores. Estavam lhe contando isso porque dependiam dele para uma solução.

Com essas informações, o rei poderia traçar um plano para reverter o quadro em favor deles.

Mas o plano do rei ia demorar, e durante esse tempo o povo abrigado no castelo não sabia o que o rei estava fazendo, e alguns começaram a se deixar tomar pelo medo.

– Não, vocês são tolos! – exclamou Sir Bradofort – Eles são muito numerosos. Vocês encontrarão morte certa.

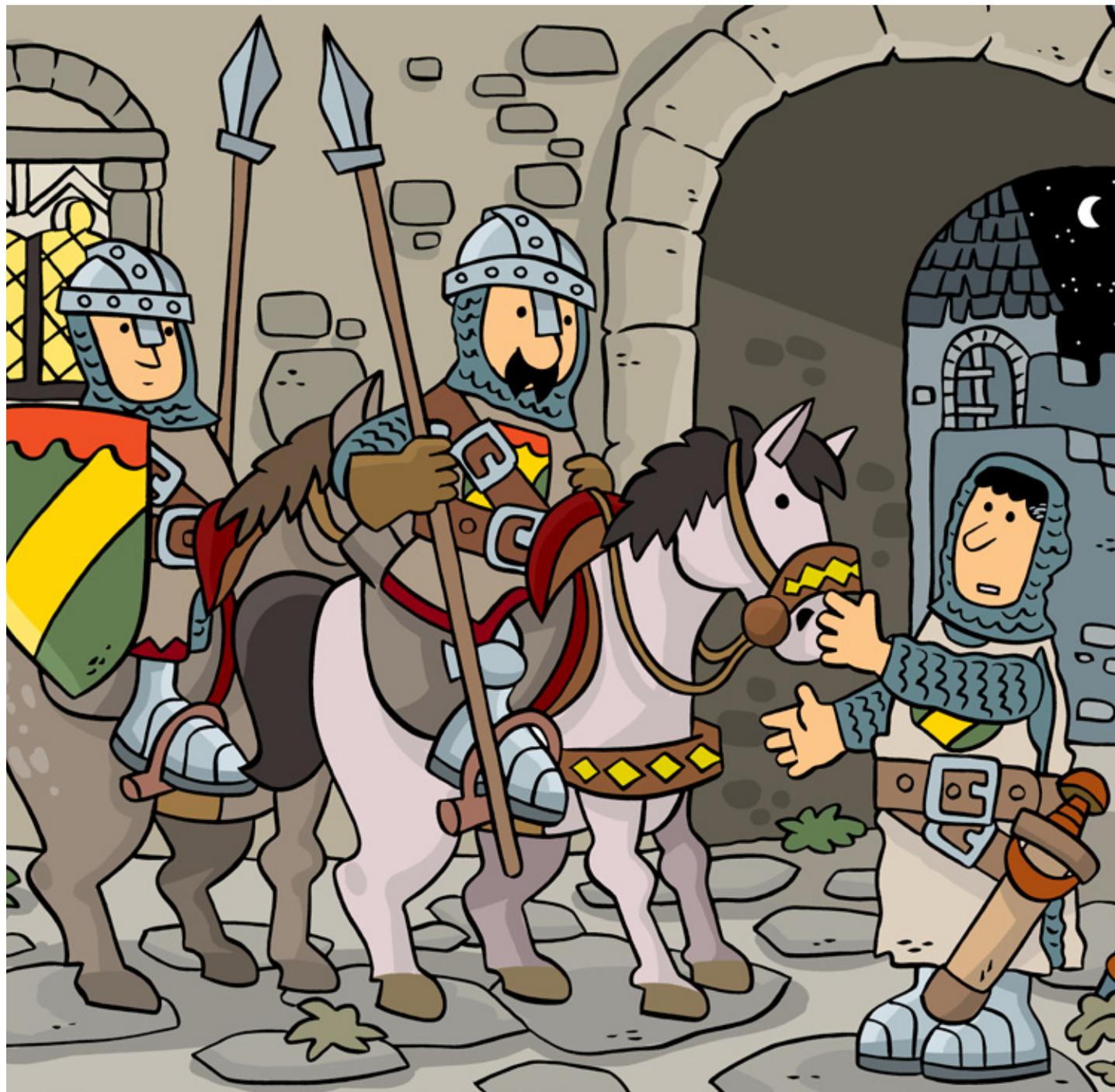
Era o meio da noite, e Sir Bradofort se deparou com o sargento Milford e um grupo de soldados, preparando-se para fazer uma investida de surpresa contra o inimigo.

– Já pedimos ao rei para nos socorrer – disse Sir Bradofort. – Precisamos ter fé e esperar que ele chegue. Não tem outro jeito de sairmos desta enrascada, se quisermos permanecer vivos.

– E se o rei não nos socorrer? – perguntou Milford – Como vai explicar isso ao povo?

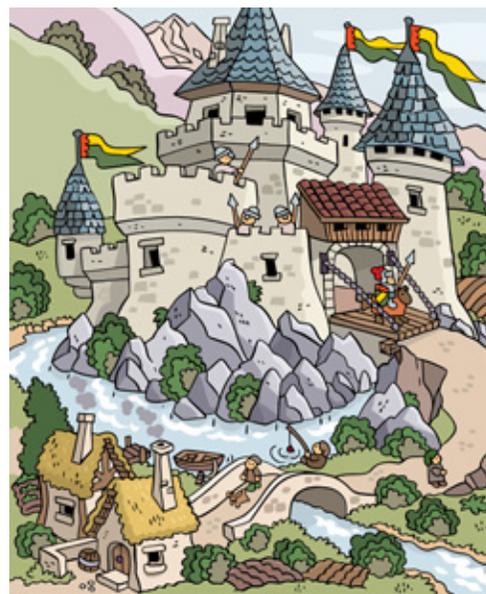
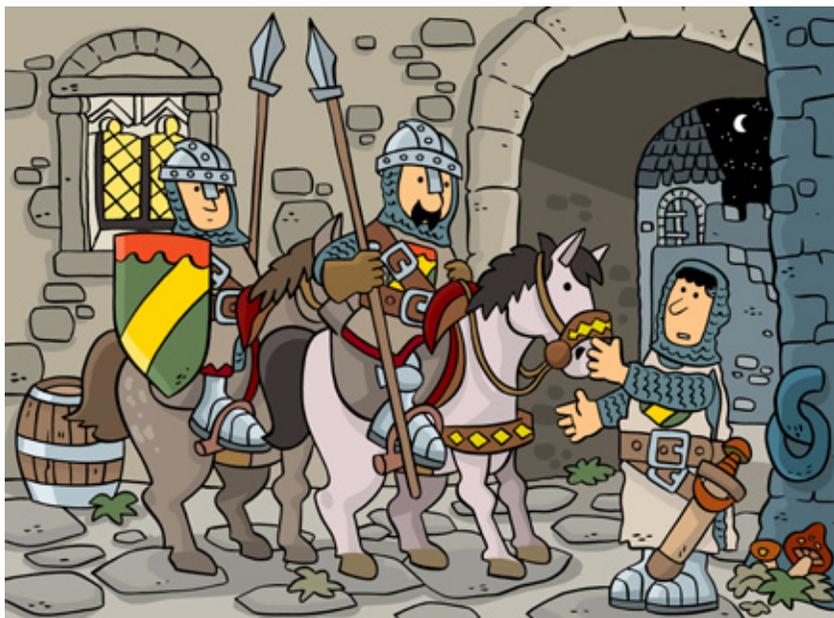
Apesar de ter evitado tocar no assunto, Sir Bradofort viu que a situação estava ainda mais complicada, pois seus próprios soldados poderiam se revoltar contra ele se o rei não chegasse logo.

(Continua.)



O Dilema de Sir Bradofort, 2ª Parte

A história até à data: Um povoado e castelo situados numa extremidade remota do reino foram atacados por Malvim, o príncipe malvado. Sir Bradofort, o senhor do castelo, mandou uma mensagem para o rei, pedindo ajuda. Como o auxílio estava demorando para chegar, o povo ficou ansioso, e alguns quiseram resolver a questão com suas próprias mãos.



Bem no dia seguinte, quase uma semana depois que os camponeses se refugiaram no castelo, chegou o rei com o seu poderoso exército.

Apesar de impressionado, Malvim, o príncipe malvado, tentou não demonstrar.

– Levou tempo suficiente para vir – disse Malvim para o rei, quando se encontraram cara a cara para negociar.¹

– Você não tem nada que fazer aqui – respondeu o rei chateado com a insolência do inimigo.
– Este território faz parte do meu reino, e eu estou aqui para proteger o meu povo. Você não é bem-vindo aqui.

1. negociar: dialogar, especialmente com um inimigo.



– Expulse-me então. Não tenho medo de lutar! – gritou o príncipe malvado
– Venha. Quero ver de quem é realmente este recanto do reino.

O povo que estava assistindo à conversa das muralhas e torres ficou boquiaberto com a rudeza do príncipe malvado.

– O rei foi desafiado, e agora precisamos agir! – declarou o sargento Milford.

– Você tinha razão o tempo todo, Sir Bradofort – disse Milford. – Foi tolice minha achar que podíamos agir sem a ajuda do rei.

Os cidadãos ficaram o dia todo observando, na expectativa de ver o exército do príncipe malvado ser derrotado.

Mas o rei fez algo que foi tanto confuso como inesperado. Em vez de atacar os invasores, o rei e o seu exército ficaram bem ali onde estavam, acampados na sua posição, na frente do castelo e do exército do príncipe malvado.





Os dias passaram, e as mensagens do príncipe Malvim eram cada vez mais prepotentes e altivas.

– Vejam só como até o seu rei tem medo de mim! Ele vê com seus próprios olhos que o meu exército é forte demais para ele. Parem de ficar esperando pelo seu rei fraco e rendam-se vocês mesmos.

As pessoas que estavam dentro do castelo ficavam mais ansiosas a cada dia que passava. Mas Sir Bradofort ordenou que todos ficassem quietos.

– O rei conhece os nossos problemas, e não vai nos abandonar.

Apesar da aparente falta de ação do rei não consolar muito os refugiados do castelo, o rei não estava cometendo nenhum erro. Ele tinha muitos espiões e informantes, até mesmo no meio dos inimigos, que todos os dias lhe traziam novas informações. E essas informações mostravam para o rei que o seu plano estava dando certo.

Foi com preocupação que, certa manhã, os que se encontravam observando do castelo viram os soldados do rei desarmarem suas barracas e guardarem o equipamento. E depois, para sua surpresa, o exército do rei formou colunas e partiu marchando.

– O que o rei acha que está fazendo? – perguntou o sargento Milford chateado. – Será que ele não é forte o suficiente para nos ajudar? Será que se importa sequer?

– Talvez ele tenha outra coisa para fazer que considera mais importante – sugeriu alguém.

– Talvez não sejamos prioridade para ele – disse outro. Talvez ele tenha recebido um pedido urgente de mais alguém no reino, e tenha ido ajudá-los em vez de vir nos ajudar.

– O rei deve estar muito ocupado agora nestes tempos ruins, e devemos admitir que estamos por nossa conta.

– Vejam, o seu rei está fugindo! – gabou-se o príncipe Malvim. – Preparem-se para se render! Depois que eu tiver acabado com o exército do rei, virei cuidar de vocês.

Apesar de vangloriar-se desse jeito, o exército do príncipe malvado não se mexeu, mas continuou dentro do seu acampamento fortificado o resto do dia.

Nessa noite, ouviu-se um monte de barulho e comoção no acampamento do príncipe malvado. As sentinelas do castelo observavam a noite ansiosamente, mas não conseguiam ver muito mais além da luz de algumas tochas. Antes do amanhecer tudo ficou silencioso, muito mais silencioso do que nos dias anteriores.



Depois de esperarem e observarem uma boa parte da manhã, Sir Bradofort decidiu liderar uma patrulha de seus homens para investigar o que estava acontecendo.

– Só vou levar alguns de vocês comigo – explicou para os seus homens. – Se houver algo errado e tivermos que agir rapidamente, será mais fácil uma equipe pequena recuar para o interior do castelo.

Sir Bradofort foi o primeiro a escalar a barricada e dar uma espiada no acampamento inimigo. Ficou chocado ao perceber que o acampamento havia sido abandonado, aparentemente às pressas. Ao perceber que tinha um homem com armadura vagueando por ali, Sir Bradofort o pegou de surpresa e atacou.

– Eu me rendo! – gritou o homem.

– O que está acontecendo aqui? – quis saber Sir Bradofort.

– Eu... eu...eu não sei! Estava doente com febre, e hoje de manhã quando acordei, todos haviam partido! – lamentou-se o soldado – Eles me largaram para trás!

– Segurem este homem enquanto investigo – disse Sir Bradofort para seus homens.





As poucas barracas que restavam estavam vazias; o acampamento fora evacuado. Muito aliviado, Sir Bradofort chefiou sua patrulha de exploração de volta para o castelo, onde anunciou:

– Acabou tudo. Parece que o cerco acabou; o inimigo foi embora das nossas terras.

– Logo todos saíram do castelo e retornaram para as suas fazendas e lares. Estava tudo uma bagunça. Principalmente o povoado onde muitos dos soldados inimigos tinham acampado. Mas não era nada que não pudesse ser reparado ou substituído, e os materiais abandonados pelos inimigos foram muito úteis.

Sir Bradofort sabia que teria que fazer uma viagem o mais breve possível. Precisava falar com o rei. Ele havia se mantido forte e leal por muito tempo, mas, depois dos acontecimentos recentes, tinha perguntas que precisavam ser respondidas.

Então, assim que as pessoas saíram do castelo e começaram a consertar suas casas, Sir Bradofort deixou o sargento Milford encarregado do castelo, montou seu cavalo e dirigiu-se rapidamente para a capital do reino.

Quando Sir Bradofort chegou, um criado lhe pediu que esperasse no jardim do palácio e disse que o rei o encontraria lá.

O palácio do castelo era um lugar maravilhoso. Árvores frutíferas, roseiras, piscinas e fontes chamavam a atenção de qualquer um que entrasse naquele lugar de grande beleza. Mas Sir Bradofort não teve muito tempo para examinar o ambiente, porque o rei logo chegou por um pequeno portão.

– Sir Bradofort! – exclamou o rei, andando rapidamente em direção a ele. – Que alegria vê-lo.

– Foi uma provação terrível aquela com o príncipe malvado, não foi? Eu sempre soube que ele voltaria – disse o rei com um olhar distante – mas isso não faz com que seja mais fácil. Só fiquei feliz por suas mensagens terem chegado rapidamente para eu poder pôr as coisas em andamento e libertar suas terras o mais rápido possível. Espero que seu povo esteja se recuperando da provação.

Sir Bradofort olhou para o chão.

– O que você quer me dizer, meu amigo? – perguntou o rei – Não precisa hesitar.



– Bem, meu senhor, o senhor fala como se tivesse nos salvado – disse Sir Bradofort – mas para nós pareceu, bem, pareceu que não ter feito nada. O senhor nos deixou ali, escondidos no castelo, até felizmente o príncipe malvado ter partido de livre e espontânea vontade.

– Oh, Sir Bradofort! – disse o rei com uma voz cheia de compaixão, soando como se fosse chorar. – Eu sinto muito por tudo que você e seu povo passaram. O que aconteceu foi terrível, ver suas vidas e lares em perigo.

– Mas você precisa saber que tenho sido fiel à minha palavra. Às vezes ajo de maneiras que o meu povo não entende, e nem sempre consigo lhes revelar os meus motivos.





- Mas neste caso, acho que vai entender depois que eu explicar. Você é um servo fiel, e sei que vai usar este conhecimento para inspirar outros a confiarem no meu discernimento de como fazer as coisas.
- Levou tempo para eu reunir as minhas forças. Muitos de meus cavaleiros e soldados estavam em outras partes do reino, e levou tempo para responderem ao meu chamado para se reunirem e marcharem comigo.
- Então, como você sabe, nós marchamos para as suas terras e acampamos bem à vista do príncipe malvado e seu exército.
- O príncipe malvado estava bem preparado para lutar no local onde se encontrava, entrincheirado

nos campos ao redor do castelo. Então, se eu o tivesse atacado imediatamente, teríamos condição de derrotar o inimigo, mas teria sido uma luta demorada ali nas fortificações que o príncipe malvado havia edificado. Vocês talvez acabassem presos em seu castelo por semanas, e nesse processo suas terras sofreriam grande destruição.

- Mas como as minhas forças não atacam, não proporcionei ao inimigo o tipo de batalha que ele estava esperando, batalha essa em que Malvim pensou que a sua posição forte e bem preparada lhe daria vantagem. Ele sabia que o meu exército estava preparado, e viu que eu não ia lutar com ele nos seus termos, mas que estava me preparando para lutar contra ele em campo aberto.



– Só que, com o passar dos dias, fiquei sabendo através da minha rede de informantes, que o príncipe malvado e seus homens não tinham coragem de enfrentar os meus fortes soldados a pé e os velozes cavaleiros em terreno aberto. Eles não queriam sair da segurança das suas posições fortificadas enquanto o meu exército estivesse por perto. De modo que assim que retirei meu exército e dei a Malvim a oportunidade de fazer uma retirada segura, ele a aproveitou.

– Com o tempo, Sir Bradofort, seu povo vai aprender que o que eles me confiarem, sempre dará certo. Alguns aprendem esta lição rápido, mas para outros é um processo que dura a vida inteira. Mas o meu povo será sempre o meu povo, e mesmo que duvidem de mim, continuarei a atender aos seus pedidos.



Muitos meses depois, o povo foi informado de que o rei ia visitá-los. O clima era festivo, enquanto todos se preparavam para receber o visitante real. No dia que o rei chegou, havia bandeiras penduradas nas janelas e fitas flutuando nas árvores. As crianças davam gritinhos de alegria ao verem o rei tão de perto.

O rei sorria e acenava com a mão enquanto sua carruagem avançava lentamente pelo povoado até chegar à praça. Deu um sorriso especial de reconhecimento à sábia Mabel, que ficou corada e se inclinou graciosamente para ele.

Um homem foi correndo até à carruagem e se ajoelhou. Era Milford, o sargento do castelo.

– Meu senhor! – exclamou – sei que devemos a sua senhoria nossa segurança e bem estar. Sinto muito por ter duvidado do senhor, e tenho vergonha de confessar que até falei mal de suas ações para outros enquanto estávamos cercados.

O rei saiu da carruagem e levantou Milford com um grande abraço.

– Está tudo perdoado – disse o rei. – Vocês pediram minha ajuda e suas terras foram salvas, isso é o que importa. Pode ter certeza que até mesmo quando vocês duvidarem de mim, continuarei sendo seu rei fiel e dedicado.

E foi assim que a história terminou. Apesar de algumas pessoas terem continuado a reclamar das ações do rei, a maioria aceitou que o rei fez o que era melhor para eles e a sua terra. E, independente do que o povo pensasse, o rei continuou zelando sempre pelo seu amado povo.

